

Publicação	Data	Assunto
Diário Digital	24-11-2007	As Portas da Percepção

Página Web 1 de 2



Coimbra evoca a partir de hoje 250 anos de William Blake

Criações de teatro, música, cinema, pintura e multimédia assinalam em Coimbra, a partir desta terça-feira e até ao próximo dia 28 de Novembro, as comemorações dos 250 anos do nascimento de William Blake, poeta e pintor visionário inglês.

O projecto concebido pelo professor universitário e tradutor Manuel Portela desenvolve um diálogo entre diversas disciplinas artísticas com as criações de Blake para destacar a obra de um dos grandes artistas da humanidade, ainda pouco conhecida em Portugal.

O Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), que tem como director Manuel Portela, é o palco escolhido para as realizações programadas e também o produtor desta homenagem, em dois espectáculos, com a colaboração dos grupos de teatro Camaleão e Marionet e a Orquestra Clássica do Centro (OCC).

O programa «Blake no TAGV» começa a 6 de Novembro com a inauguração de uma exposição de pintura - «7 Visões de William Blake», com obras criadas propositadamente para este evento por Pedro Pousada, Armando Azevedo, António Olaio, Emanuel Brás, Teresa Amaral, Gilberto Reis e Atelier Corvo. A inauguração da exposição será complementada com uma mesa-redonda com os pintores participantes.

Nesse mesmo dia inicia-se uma outra exposição - «William Blake: Livros Iluminados» - que consiste numa videoprojecção integral das páginas de 16 livros, entre os quais se encontram «O Casamento do Céu e do Inferno», «América uma Profecia», «Cantigas da Inocência e da Experiência», Para os Sexos: Os portões do Paraíso», «O Livro de Urizen» e «O Livro de Los». Esta exposição decorre até ao dia 28.

Igualmente entre 6 e 28 de Novembro a Rádio Universidade de Coimbra vai pôr no ar diariamente a leitura de um poema de Blake e uma canção inspirada na sua obra, de intérpretes como Van Morrison, Bob Dylan, The Doors, Patti Smith ou Billy Bragg. O próprio nome da banda lendária de Jim Morrison, The Doors», é extraído de um verso de William Blake.

A 8 é estreada uma criação cénica - «Uma Ilha na Lua», uma co-produção entre o TAGV, o grupo de teatro Camaleão e a OCC, que conjuga a declamação com a música, o vídeo e o canto lírico. O espectáculo, que será reposto nos dias 9 e 10, inclui a estreia da peça para orquestra da autoria de Joaquim Pavão, dirigida pelo maestro Carlos Marques.

A composição «Uma Ilha na Lua» de Joaquim Pavão, constituída por três andamentos musicais com 19 canções e narração, inspira-se naquele texto de Blake escrito em 1784. Serve-se de alguma gramática musical do século XVIII, mas recria o universo de Blake numa linguagem contemporânea e atemporal, segundo os promotores.

De 12 a 14 será exibido um pequeno ciclo de cinema - «Cineblake» - composto por películas com referências a Blake e à sua obra: «Blade Runner» (EUA), de Ridley Scott, «Dead Man» (EUA), de Jim Jarmusch, e «The Wind that Shakes the Barley» (Irlanda), de Ken Loach.

A 13 realiza-se a segunda mesa-redonda, «Blake poeta», com a presença de Gastão Cruz e Manuel Portela, dois dos principais tradutores para português de William Blake.

A segunda produção cénica estreia-se a 23 e será reposta no dia seguinte. Trata-se de «As Portas da Percepção», um trabalho com recursos multimédia dirigido por Mário Montenegro para o grupo Marionet a partir de poemas iluminados de William Blake.

«No seu conjunto, a obra de William Blake constitui uma verdadeira cosmogonia que reescreve e recombina diferentes mitos da criação», referiu o organizador do evento, Manuel Portela.

Ao escrever, desenhar, gravar, imprimir, pintar e publicar - acrescentou -, William Blake «tomou nas suas mãos todo o potencial simbólico do livro como máquina de criação e chamou a si o controlo do modo de produção tipográfico, num momento em que se acentuava a divisão do trabalho e se anunciava já a industrialização da imprensa».

No entendimento de Manuel Portela, «é possível ler William Blake como um precursor da arte multimédia. Tentou uma técnica que integrasse a palavra e a imagem», numa altura em que não havia meios de fazer livros a cores, recuperando a técnica da iluminura e da tipografia tradicional».

Ao reportar-se às produções cénicas incluídas no evento, Manuel Portela salientou que o facto de não ser um autor fácil de transpor obrigou a «um convívio longo com os textos».

«Poucas são as tentativas de leitura cénica já feitas sobre a sua obra. O que a Marionet está a fazer é algo de original a nível internacional», observou, dizendo estar-se perante «um autor que desafia a ler», e que para si próprio o longo convívio com os textos para a sua tradução não significa que os consiga entender.

William Blake, gravador, pintor e poeta, nasceu em Londres a 28 de Novembro de 1757 e faleceu a 12 de Agosto de 1827.

Publicou o seu primeiro livro de poemas, «Poetical Sketches», em 1783. Concebeu a gravura em água-forte e desenvolveu a técnica da impressão iluminada.

Além de uma sátira inacabada em prosa e de vários poemas manuscritos, publicou 17 livros de poemas iluminados.

Copyright Diário Digital 1999/2006